



FRAGMENTOS

A passagem para o quintal lisboeta da minha infância era marcada simbolicamente por um arco robusto de alvenaria. Não era peça que se impusesse, nem pela elegância das formas, nem pela concepção arquitectónica. Algo grosseiro no desenho, sólido na estrutura das paredes que o sustentavam e um tanto ou quanto atarracado no lançamento do arco ligeiramente abatido.

Uma única delicadeza o animava, concedendo-lhe aliás uma perfeita integração na tradição lisboeta bastante comum, um daqueles pequenos toques quase afectivos que a distinguem e singularizam.

Esse arco tronchudo era exteriormente revestido por pequenos fragmentos de loiça da China, restos soltos de peças cerâmicas que se foram partindo nos acidentes caseiros e que alguém, com graça, fora colando, num ritual quase de enterramento, nas paredes deselegantes do tal arco de acesso ao quintal. Este ganhara, assim, animação e cor, disfarçando com essa atenção a rudeza das formas, e, em dias ensolarados, vibrava com os reflexos luminosos na superfície vidrada dos pedaços variados de porcelana. Até parecia bonito.

Talvez por isso, ganhou na minha memória do quintal um lugar singular, já que no resto este seguia a matriz típica deste género de logradouros de certas casas lisboetas. Além do arco, que por vezes reverberava a luz em cintilações exóticas, o restante eram árvores de fruto de variadas espécies (figueira, noqueira, romãzeira, ameixieiras, nespereiras, etc., enfim, o trivial), canteiros com flores e ervas aromáticas, lúcia-lima para as tisanas da minha avó, um estendal para a roupa, uma capoeira, um laguito oval de cantaria com repuxo e, a dar o tom mais cosmopolita de quem andara pelos mundos, uma alta palmeira e um enorme jacarandá que, na altura em que se cobria de tons violeta, anunciava para meu gáudio que já não vinham muito longe os meses largos de férias.

Eram, no entanto, os inúmeros cacos inseridos no arco que faziam as minhas delícias. Como se de um puzzle inventado se tratasse, divertia-me a conjugar as peças díspares e dispersas, encontrar-lhes as afinidades que me permitiam identificar os restos de uma mesma peça, ou até de um mesmo serviço, descobrir detalhes daquelas figurinhas chinesas, fossem pessoas, símbolos, animais ou plantas, com uma cabecinha aqui, o pedaço de um corpo ali, uma asa solta acolá, um arranjo floral mais acima, tudo naquela variedade colorida que ia do branco sujo dos fundos, aos azuis bem vivos, os rosas cintilantes ou os verdes graduados nos seus matizes.

E, embalado nessas derivas, com aquela noção eterna de tempo própria da idade, dava corda à imaginação e procurava reconstituir o percurso que trouxera a este cantinho periférico do meu quintal estes fragmentos que compunham a decoração variada do arco que, se calhar, à falta de melhor, encantava as tardes longas da minha infância. Conjecturava muitos chinesinhos, amarelecidos e de olhos em bico, debruçados em filas intermináveis nos grande ateliers de Cantão ou Xangai, desenhando meticulosamente as elegantes decorações daquela cerâmica de exportação, que os europeus tanto apreciavam. Depois, as viagens longas de meses, nos porões dos barcos, onde muita coisa por certo se partia nos solavancos das vagas alterosas das intempéries. Cá chegados os carregamentos, era a distribuição das encomendas pelos interessados, e a abertura sôfrega dos caixotes cheios de palha para acomodar as peças, e o fascínio do toque da porcelana que por cá não se sabia ainda fazer, e a primeira vez que, perante um ah! de espanto, a mesa se cobria de reflexos exóticos para extasiar os convivas. Por fim, o descuido e zás, lá se ia mais um prato no chão de pedra da cozinha, cujos cacos aproveitáveis se reuniam meticulosamente para depois alguém se entreter a encravar com esmero decorativo um a um nas paredes sem graça do arco do quintal.

Arco, casa, quintal e a minha infância tudo se desvaneceu no correr dos anos. Os primeiros três sacrificados às imposições do progresso, numa amálgama incaracterística de betão onde



já nada reflectia essas cintilações chinesas que lhe dariam, pelo menos, um mínimo inesperado de graça. Quanto à última foi sendo substituída por mais idade, mas sem se perder esse gosto de imaginar que tão proveitosamente exercitara nos tempos idos do arco do quintal. A cidade, toda ela, foi alargando esse pequeno mundo original, e os fragmentos de porcelana que me preenchiam então as horas depressa encontraram substitutos nos golpes sorrateiros que lançava nas janelas entreabertas da cidade que ia tentando entender. É verdade. Os cacos do arco tinham desencadeado um certo lado “voyeur” que, por mais que o procurasse esbater para não ser indiscreto, era mais forte do que eu nas minhas andanças por Lisboa. Espreitar às portas, entrever um pátio com manjericos e sardinheiras, ouvir sons, ver gatos espreguiçados ao sol, uma gaiola com um canário, no fundo, tentar perceber gostos, adivinhar modos de vida, encontrar as razões mais profundas de uma arquitectura que se fora moldando às necessidades, sem deixar ela própria de condicionar os eventuais aproveitamentos futuros. Aqueles palácios transformados em ilhas, onde as sedas roçagantes das damas nas escadarias de azulejos deram lugar a aventais estampados de tecidos baratos, o trote das caleches à estridência das motorizadas e os vasos repolhudos a tanques de lavar. Tudo compunha essa vivência sobreposta que, tal como nos idos da infância, me fazia imaginar percursos, entrever imagens, procurar descobrir essa capacidade imensa de transformação que tanto pode levar um caco da china a decorar um arco de quintal, como um palácio aristocrático a ecoar sons desconexos e a albergar um universo multipolar que o entende à sua maneira.

Então, quando as janelas tinham tabuinhas a imaginação exaltava-se. Empertigava-me a tentar descobrir mais qualquer coisa, a não ser a identificação conferida por um candeeiro de tecto em vidrinhos, um néon frio ou, mais simplesmente, um fio com lâmpada pendurada. Tudo tem a sua lógica e o que na verdade fui aprendendo é que a realidade profunda de uma cidade está sempre contida nos limites da moldura de cantaria de uma qualquer porta ou de uma qualquer janela.

Foi tudo isto que me veio à memória ao apreciar as “caixas com janelas” da Teresa Pavão. Acicataram-me esse lado “voyeur” de que todos temos um pouco, essa vontade irresistível de espreitar e de nos deixarmos embalar nas asas férteis da imaginação. Tal como no arco da minha infância, há cacos, pedaços de outros usos, linhas que tecem um emaranhado de referências que nos projectam no mais íntimo de nós, entretecidos por aquela especial sensibilidade feminina que manuseia com delicadeza os fios prateados dos sonhos. Estas janelas de espreitar não nos indicam caminhos nem contêm mensagens. Limitam-se simplesmente a confrontar-nos com o imaginário intemporal que vagueia naquele limbo inconsciente do conhecimento que só certos dons especiais sabem fazer despertar. Tudo condensado naquela geometria rigorosa de uma janela rasgada numa parede lisa, para lá da qual cada um entreverá exactamente aquilo que quiser.

Eu lembrei-me dos cacos do arco do meu quintal, que já só existe na minha memória, ou das janelas estimulantes que a cidade me foi fazendo descobrir. Quanto a si, dê liberdade à imaginação e desembacie o espelho das suas próprias lembranças. É um convite.

José Sarmiento de Matos